

# A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILUSTRADA

## PEQUENA CHRONICA

### OS DANDYS:

Ha uma escola philosophica que atribue todos os vicios da especie ao alimento com que refaz as celulas e o tecido adiposo. Se o individuo se alimenta de feijoadas e de batatas, é necessariamente um obtuso. Grosso no corpo e mais grosso no espirito: couçocira e caçarola.

Ha uma outra, que deduz as tendencias e as volições do individuo simplesmente da forma, materia prima e thesoura esthetica, como esse individuo se veste, passicia e se rebola nos taçoes das botas e na bambolinagem da bengala.

Eu sou da opinião dos ultimos. O individuo é, nas acções e nas ideias, talqualmente o fato com que se cobre. E tenho, do meu lado, a historia natural, a selecção da especie, a escala progressiva das gerações animaes, lutando pela vida, n'uma lucta dia a dia, minuto a minuto, moment a momento. O que faz o pavão? Demonstra, na cauda iriada d'azul, em loque vaporoso e dominador, a ideia, a flamula subtil que lhe arde nos lobulos do pequenino cranco animal:—a vaidade. Vaidade feita de sombra, porque não vê as pernas esqueléticas.

Ora, os dandys de Barcellos são, na essencia e na applicação da escola, os pavões de cauda iriada e de pernas esqueléticas.

E' vel-os.

A' falta de talento, á falta de apresentação pessoal; em lugar da illustração, dos bons ditos, das boas maneiras, da elegancia inquebrantavel, do aprumo fixo, sem coreundas e sem abdomens salientes; em vez da galanteria fina, com as damas, no *colillon* e na expansibilidade de passeios ao ar livre, em noites luarentas e suggestivas, no jardim e no cumpo, na rua e nas salas, em lugar d'aquella amabilidade feita d'espirito com que na corte de Luiz XIV, na roda das Maintenons, das duquezas cortezãs graciosas dominadoras, os espiritos da elite, os philosophos e os litteratos e os pintores e os esculptores e os poetas e os grandes lyricos se apresentavam, correto na cabelleira empoada e nos gestos e nos ademanos cavalleirescos, do bom tom,—os dandys d'esta parvonia, mirabolante de pequeninas intrigas e de lamaentas *pequenezes*, vestem *chambre de nuit*, como qualquer ajoelhada do Bairro Latino, e convergam faixa larga e de côr saliente, como qualquer *maitre a chevaux* em dia de corridas nos Campos Elyseos!

E julgam, e pensam, e imaginam dar o tom...

Dão o tom, realmente; mas o cavo e rouquejante accorde d'uma viola desafinada, em noite de dezembro, fria, com vento assobiante pelas frestas, com rajadas descompassadas e epilepticas por devezas de carvalhoiras seculares.

Quem sois vós, rachiticos e enfezados dandys? Empavezais o toutiço; martyrisaes as coreundas; cruxificaes os callos... e sois sempre os mesmos! Os mesmos, nos esqueléticos perniz; os mesmos, no vasio do cerebro e na pobreza de sangue: sangue dessorado, sangue pobrissimo, sóro liquifacente, pallidos, amarellos, olheiras dubiosas, andar aquebrantado como de velhos doentes de males antigos, incuraveis nos ossos e nos musculos...

Dão o tom, sim. Mas é o tom de esqueléticas visões n'um tablado de barracão de feira.

A facha e a camisola! Onde ficou a naifa; onde ficou o chapéu dos dias de gula; onde o pinglim de luxooonde as luvras brancas dos acompanhamentos festivos?

Está, provavelmente, na dobra das ceroulas escuras. Facha de seda por fóra, ceroulas de panno d'estopa, mal lavado e por brunir, por dentro...

Pavões! Facha de seda na cinta, e muito esterco no resto...

\*

Ora, dizem-me que os cintos de seda, com que os dandys se apertam, foram comprados, em leilão particular, na casa do ex.<sup>mo</sup> conego D. Simões Duarte Lyra. Sua ex.<sup>a</sup>, n'aquelle empenho faustoso que o caracteriza, mandara arranjar, com todo o luxo, para a Procissão do Corpo de Deus, o famoso carro das heryas. Para que nada faltasse ao esplendor dos tempos aureos de D. Manuel e da rua dos judeus, fechada, á noite, por cancellas, uma das quaes tinha os chumbadouros onde sua ex.<sup>a</sup> tem os tranqueiros do seu portal, mandara tambem ajaczar cavallos de raça, gordos e rinchadores, que deviam enfileirarse no estado de S. Jorge. A procissão não sahio, por causa da chuva. Sua ex.<sup>a</sup>, então, que é rico, mas não desperdiça os seus haveres, vendo que os cintos de seda, mandados vir expressamente de Lyon para adornar os cavallos e segurar os cavalleiros luzidos, se perdiam no desbotamento irreparavel d'aquellas tintas finissimas, resolveu vendel-os em leilão.

Ora, dizem-me que é d'este leilão que procedem as fachas com que os nossos dandys se sa-

## A Lagrima

quando cantam, como que teem nas vozes o som do crystal batendo n'uma taça de oiro!

Felizes que vós sois, loiras creanças, em cujo coração dormem as iriadas borboletas da felicidade!

O mundo, que é para nós um cairel de abysmos, um sorvedoiro medonho, um torvelinho rodopiante, é para ellas a esteira doce e luminosa das illusões côr de rosa...

Côr de rosa nas faces, côr de rosa nos corações!

Z. Saramago



### INTIMOS

#### I

Quem pode haver, n'esta agonia lenta, n'esta cadeia immensa de martyrios, a alma côr de chumbo, n'uns delirios intimos, d'uma dôr sempre tormenta;

quem pode, n'esta lucta incruenta, a vida procissão de tristes cyrios, amaros, amarissimos colyrios, que o inferno applica á alma fosforenta;

quem pode, n'este mar atroz de dôres, lago immenso de turgidos pallôres, infinita lagôa de saudade,

—ter uma esperanza, um só clarão divino, vaga vagueante d'esse mar ondino, se o mar é Dôr, e a Dôr a Realidade!

Barcellos, 9—5—93

João do Minho



### «SÃO DOS TAES ENGANOS»

—E' o que te digo, é vêr para crêr, como S. Thomé; eu quando ao primeiro m'o disseram não acreditei, mas fui pessoalmente certificar-me.

—Homem, vamos então até lá que eu tambem quero vêr...

E estes cavalheiros, um Zé Povo e outro João de Portugal, dirijiram-se pressurosos para os lados de Barcel-

linhos, um com a ideia de convencer o amigo, e este julgando sempre que era o 1.º d'abril, que cahia n'uma esparrella, pois que João fôra sempre um barra, um finorio na intrujisse.

Quem os visse n'aquella occasião, estalaria uma gargalhada muito repetenada: Zé suava por todos os póros, não lhe valia de nada o seu *sombrero* collossal, nem o ir em mangas de camisa, e João, esse nem se lembrava de suar...

De prompto chegaram á ponte. Se até aqui poderam vir de galope, outrotanto não podiam fazer agora. Uma multidão de povo acotovellava-se, mechia-se com diffiçuldade, no principio da ponte; o ingresso n'ella n'esta occasião não seria muito facil fazel-o.

Ora, para elles era um desarranjo, desarranjo este que era occasionado pela curiosidade de um e pela comprovação do outro. Situação terrivel para João; quanto daria para ter azas e mais o companheiro. Chegou a lembrar-se de se atirar de punhal em punho ao povo, para chegar ao sitio desejado. Nem via, pois que alguém o cumprimentou e elle não correspondeu.

N'isto o cansaço apoderou-se d'elles: sentaram-se no andaime. Por entre a multidão João e Zé ouviam este troteio de ditos;

—Olha a facha...

—E o diabo não se cança.

E João indicava ac companheiro:

—Ouves fallar em facha, nem agoira te convences?

—Já te disse, quero ver, tu tambem não acreditaste, porisso estou na mesma collisão em que estiveste.

Estas palavras eram punhaladas que lhe entravam na alma. Não podia empregar a palavra d'honra, ao Zé Povo: tinha-lhe mettido cada uma... por isso...

N'isto, oh suprema felicidade, oh



## A Lagrima

Deus misericordioso; o povo que ali se juntava deu em debandada n'uma correria doida, vertiginosa, para Barcellinhos. Uma cantoria acompanhada a musica chamou-lhes a attenção.

João agarra no Zé, como n'um assassino e leva-o em frente á casa do snr. Benjamim Lapuz.

—Vês, disse João, e apontou-lhe um homem vestido de branco, de facha encarnada á cinta, de carapuça da mesma côr, que, n'um movimento uniforme, movimentava uma roda d'uma bomba, fazendo repuchar agua n'um lago—é ou não é elle?

—Não, meu myope, meu estúpido, disse Zé com ares napoleonicos.

.....  
Effectivamente, não era. N'essa occasião passava um typo baixo, n'um passo *doutural*, chapéu de seda muito alto, luvas n'uma mão, na outra bengalla e a barriga apertada por uma facha.

«São dos taes enganons».



Zétil



### O VINHO

Dois passos para o lado,  
Dois passos para a frente,  
Lá vinha embriagado  
Um homem, um descrente.

Bebia como um mar  
Bebendo agua d'um rio,  
Andava como um louco,  
Em passos de vadio.

A's tardes, á noitinha,

Par'cia um desvairado,  
Com olhos de *doninha*  
Com *todo* malcreado.

Ninguem se conduza  
do pobre *baqueante*,  
Pois n'elle só se via  
O vulto d'um pedante:

O seu amigo... o vinho,  
Que tanto idolatrava,  
Saia-lhe ao caminho  
Com modo que assustava.

E elle, esse descrente  
De vida horripilante,  
Lá ia reverente  
Sorvel-o n'um instante.

Barcellos 1-7-93

*Ferdinand.*



### A facha e o dandysmo

O «Diario Illustrado», de 22 de junho, 3.<sup>a</sup> pagina e 3.<sup>a</sup> columna, sob a epigraphé—*aqui e acolá*, escreve:

«Consagramos esta secção ao homens, aos nossos elegantes que *tencionem partir para as estações d'aguas* mais frequentadas pelo alto mundo.»

Depois, descreve algumas «toiletas» e diz:

«Os fatos de flanela branca *para as praias e estações d'agua* vão passando de moda, devendo ser substituidos por «veston» azul e calça de «hemespum» branco, especie de cheviote. Esta «toilet» dispensa o colete. A calça é apertada por meio d'uma **cinta** de côr, azul, encarnada, ou mesmo preta. *Completa este traje* um chapéu de palha de abas largas.»

Depois d'isto, do que ahi fica transcripto, conclue-se:

## A Lagrima

1.º—Que os dandys de Barcellos, indo ao «Diario Illustrado» buscar o figurino para os seus fatos, castraram a «toilete» porque não mandaram vir o chapéu de palha de abas largas:

2.º—Que são obtusos d'espírito, effeito, talvez, de muita feijoada, porque o «Illustrado» diz que aquella «toilette» é para as *estações d'aguas* e para as praias, e elles saracoteiam-se com ella ahí pelo jardim publico, que não é praia nem estação d'agua, ainda que elles assim o pensem.

3.º—Que a cinta de seda é para *apertar a calça*, e não para fazer calor ao estomago, a não ser que as abas largas do chapéu, como é de palha, e ainda ninguem o viu, esteja na barrega d'algun ruminante, a fazer dôres...

4.º—Que o *normando* da chamada ao «Diario Illustrado», em logar de defender os dandys, veio enterral-os ainda mais n'uma paparrenta poça de ridiculo e de escarninho pedantismo.



### TERTIUS GAUDET

Dizia, ha duas semanas, o João da Costa:

—O' compadre, a tua criada anda tão grossa...

—Aquillo é roupa, respondeu o Anacleto.

\*

Passados quatro mezes:

—O' compadre, dizia o Anacleto, parece que se rosna um pouco de ti com a minha criada...

—Isso são más linguas.

\*

A Genoveva deu á luz uma menina.

—Ah compadre João, que bem me enganaste.

| Ou tu a mim, retorquiu o Anacleto.

—?

—Pois qual é o paedra creança?

—O' sr. Anacleto: e não será o padre Augusto, dizia do lado a madrinha...

—Sim, sim. Comeu-n'os os sarrabulhos e o resto...

*Tableau*

Barcellos, 30—6—93 J. do M.



Um assignante da «Lagrima», depois de ler e admirar a notavel obra litteraria—a «Morte de Saluchristo», de que auctor o mavioso poeta das «Rod'um dia», lembrou-se de, com a devida venia, offerecer á admiração do nosso sublime vate os seguintes versos:

Ao rei da harmonia, ao vate immenso  
Cujo nome scintilla entre o incenso,  
Cantando espalharei por toda a parte  
Embora com receio de enfadar-te.  
O genio te circunda a fronte altiva  
E n'ella do talento a luz bem viva,  
Ao mundo vem mostrar que em Portugal  
Se cultiva a hygiene e a moral.  
Ignoras quem eu sou e no entanto  
(Embora a muita gente cause espanto),  
Sem desculpa pedir do atrevimento,  
Eu venho curvar-me ao teu talento.  
Perdôas-me aste a rojo, bem o sinto;  
Os versos teus, prefiro aos de Filinto,  
E, crê-me, a tua prosa me faz tonto!  
As vezes que teleio não tem conto,  
Nem tão pouco as que gabo o teu assumpto  
O teu nome verás ainda junto  
Aos de Horacio, Corneille e Boileau;  
Da ingratição o tempo já passou.  
Mas se os criticos d'hoje, os Neros,  
Uns alarves, pedantes desmarcados,  
Te disserem meus versos são errados  
Responde-lhe por mim que são sinceros.